

Olhares ao luar

Incrédula, olhava o palácio no meio dos montes, cujo brasão no magnífico portão de ferro trabalhado mostrava os pergaminhos. Uma noite num palácio.

O programa indicava que, nessa noite, havia um jantar de cerimónia. Com quem? «Com a Bela Adormecida e o seu príncipe», pensei.

O mordomo esclareceu as pessoas que, nas guerras napoleónicas, a família yinha perdido o palacete. A câmara municipal da cidade, cujo burgo remontava à criação da nacionalidade, tornara-o turismo de habitação, responsabilizando-se pela remodelação, sem estragar o belo e o antigo.

Naquela noite estival, saí para o exterior, onde a piscina e o lago atraíam os turistas privilegiados, sob um lençol polvilhado de miríades de estrelas.

Era mágica, encantada pelo canto das cigarras e o pisca-pisca dos pirilampos e pelos vestidos claros das senhoras para o jantar requintado.

Comecei a sentir uma sensação palpável de uns olhos acariciadores, que massajavam os meus ombros doridos, onde se concentrava o stresse acumulado.. Observava-me do lado do terraço, encostado a uma das colunas, que segurava a vinha em latada, cobertura do lago.

Durante as entradas, aquele olhar, um íman poderoso, fez-nos caminhar um para o outro até nos juntarmos. Os olhos cinzentos (dele) e verdes (meus) falavam o que as bocas não pronunciavam. Sorriam-se desafiadores e confessavam segredos.

Apresentou-se «Pedro» e eu apenas pronunciei «Inês». Soltámos uma gargalhada bem-disposta pela coincidência. Seguiu-se um devaneio sobre um amor famoso, infeliz e histórico.

Ficámos na mesma mesa, iluminada por velas. A Cidália, a minha companheira, juntou-se a um casal inglês, encantados com aquela guia turística excecional.

As bocas degustaram. Os olhos enrolavam-se numa paixão frenética. Depois das entradas, veio o javali assado e as aves de caça. Comi com gestos mecânicos, porque os olhos não se desgrudavam.

Seria um feiticeiro, habitante daquele local ermo, de tão rara beleza, que mão humana não arruinara?

À sobremesa, perante um bolo de frutas maravilhoso e uma pera borrachona... apoderou-se da minha mão. Súbita descarga elétrica... Levou-a lentamente à boca, beijando cada um dos meus dedos. Os olhos apropriavam-se de mim.

Recuperei a mão e levei um copo aos lábios secos. Os sentidos atraíam-me e sentia-me em fogo.

Foi quando ele riu, aqueles olhos onde ansiava perder os meus. Estava perdida de mim.

Ao café com um aperitivo, um sorriso franco e cativante. Conhecia o seu charme e eu, pobre aprendiz. Nunca nenhum homem me “cortejara” para a palavra condizer com o ambiente aristocrático.

Que fazia ali? Talvez o Cupido mo enviasse para me fragilizar e me fazer sentir “mulher”.

Seria casado? Não tinha aliança nem marca no dedo. «Sou solteiro.» Olhei-lhe os olhos cinzentos. Olhavam-me maliciosamente. Tinha captado o meu olhar para a mão esquerda? «E não estou a mentir.» Os lábios carnudos que pediam beijos pronunciaram a frase em tom de gozo.

«Quero perder-me nos teus olhos verde-mar.» «Como sabes que são verdes?» «Da mesma forma que sabes que os meus são cinzentos.» A luz velada não permitia ver esse pormenor, mas toda a noite eu me quisera perder naqueles olhos cinzentos que ficavam negros...

«Já tínhamos encontro marcado há muito tempo!» Uma nítida frase de engate.

Não consegui fugir. Enlaçou-me para dançar e comprovei que os olhos eram cinzentos e continuaram o diálogo começado antes do jantar...

Depois, desejei-lhe boa noite e recolhi-me. Cavalheirescamente, deu-me um beijo na mão e despediu-se com um breve: «Até amanhã. Sonha comigo!»

A Cidália chamou-me doida e cobardolas. O que a realidade não aceitou, foi francamente vivido em sonhos, como ele vaticinara.

No dia seguinte, desci para o pequeno-almoço e quase gritei ao dar de caras com o último retrato de família, o meu acompanhante da noite anterior... numa fatiota de há cem anos.

Um sorriso trocista e mergulhei de novo nuns olhos cinzentos «O meu bisavô paterno, o último duque com palácio».

«Então jantamos na próxima semana.» Perante o meu ar estupefacto, a Cidália disse: « Eu tenho os dados e refresco-lhe a memória.» Tinha marcado encontro? «Deu-te forte, filha. Bendita noite!»

Olhei-a e deixei-me conduzir.

Na semana seguinte, outra surpresa. O jantar foi num pequeno chalé nos terrenos do solar. Fora o arquiteto do restauro do palácio e tornara-o moderno mantendo as ornamentações, os tetos trabalhados, os frescos dos salões. A galeria de retratos permanecia intacta e, recentemente, mais dois retratos: os do avô e pai do atual duque, que, ao aceitar viver nos terrenos, divulgava a terra e o solar, pois marcava presença no jantar de receção de cada grupo.

Acabava por ser o vigilante daquele património nacional, olhando pela casa, pelos jardins, pela cavalaria, pelos vinhedos... E garantia que os antepassados dormissem em paz no mausoléu junto da igreja, um hino ao estilo gótico.

«Gosto de me perder nos teus olhos» sussurrou.

E ficámos a olhar-nos, enquanto um mordomo nos servia cerimoniosamente.

Nunca mais recuperei a minha outra realidade.

Maria Teresa Portal Oliveira